

APRESENTAÇÃO

Tendo como objetivo acrescentar, se possível, mais observações críticas ao já tão extenso e discutido tema do “fantástico” e do “insólito” na ficção, apresentamos no presente volume um conjunto de artigos criticamente densos e originais sobre a representação do fantástico em várias literaturas e em muitos gêneros.

A rigor, seria preciso identificar um período histórico preciso ao qual associar a análise do gênero fantástico, pois é possível identificar a sua presença tanto na literatura clássica como na contemporânea. Se tomarmos como exemplo a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, encontraremos inúmeros exemplos de situações insólitas, beirando o terror “gótico”, sobretudo no *Inferno*, que visam a provocar no leitor o imediato repúdio, inserindo-se no processo de “recondução” da humanidade ao caminho da salvação, tão almejado pelo poeta florentino.

No entanto, como era de se esperar, os artigos do nosso dossiê privilegiam o fantástico e o insólito na literatura dos séculos XIX e XX. Naturalmente, autores como Hoffmann e Poe, no século XIX, e Kafka, no século XX, não poderiam estar ausentes.

Sendo assim, o dossiê “Possibilidades do insólito na ficção” abre-se com o artigo de Ana Luíza Ghirardi sobre a transposição para HQ (histórias em quadrinhos) do conto fantástico “Le Horla”, de Maupassant, adaptado para HQ por Guillaume Sorel com o título de *Horla d’après l’œuvre de Guy de Maupassant*. Ana Luíza analisa inicialmente a construção da atmosfera “sobrenatural” do conto de Maupassant original, escrito nos últimos do século XIX, para em seguida investigar o processo de transposição para a linguagem dos quadrinhos.

No segundo artigo, Ana Maria Zanoni inicia a série de três trabalhos do presente volume inteiramente dedicados a Edgar Allan Poe. Tendo sido um dos maiores escritores de língua inglesa e, sobretudo, um dos que mais se dedicaram à exploração de temas ligados ao horror e ao sobrenatural, tornou-se um dos ícones no que se refere à literatura fantástica. Partindo das observações do próprio escritor norte-americano publicadas no ensaio *Filosofia da Composição*, de 1846, Ana Maria dedica-se à investigação das personagens femininas associadas ao horror e ao destino fatal. Sendo assim, as personagens femininas Ligeia, Morella e Eleonora, protagonistas de famosos contos de Poe, são submetidas a uma detalhada análise.

Utilizando conceitos de Todorov e de Ceserani, Laís Marin também investiga alguns aspectos do fantástico em Poe, mas concentra-se na análise do famosíssimo conto *O gato preto*. Antes de iniciar a leitura atenta do conto de Poe, a articulista relaciona os principais aspectos da literatura fantástica referidos por Todorov no livro *Introdução à literatura fantástica*. Em seguida, são descritas minuciosamente as

características de um protagonista que narra em primeira pessoa e que pouco a pouco mostra ao leitor o comportamento típico de um psicopata, cujas tendências homicidas revelam-se principalmente nos estados de embriaguez em que frequentemente se encontra. Da incapacidade de assumir a responsabilidade pelos seus atos à completa empatia e indiferença demonstradas após o ato de crueldade, o protagonista tenta convencer o leitor das suas próprias verdades. No entanto, como a articulista faz questão de salientar, a conclusão parecer remeter a explicações não racionais para a aparição do gato, ainda vivo, na parede. O desfecho do conto assume ares claramente fantásticos, à medida que o narrador chama constantemente a atenção do leitor para supostos delírios provocados pelo abuso de álcool, mas também não deixa de se referir às lendas associadas aos gatos pretos que, de acordo com uma superstição medieval, poderiam encarnar o demônio. Sendo assim, como ressalta Laís Marin, “O gato preto” encaixa-se plenamente nas definições do gênero fantástico apontadas por Todorov e mencionadas no início do artigo.

O articulista Jonas Eduardo Rocha também se dedica a Poe, mas prefere analisar os aspectos de suspense e terror criados pelo escritor norte-americano no conto “O poço e o pêndulo”, destacando a atmosfera de tortura “psicológica” a que é submetido o protagonista da história. Ressaltando os aspectos históricos do conto, pois a trama se passa na época da Inquisição na Espanha, o articulista examina a progressiva angústia do protagonista do conto e ressalta os evidentes aspectos “góticos” que paulatinamente se mostram na narrativa.

Ao gótico, mais especificamente à “maquinaria gótica” de *O senhor dos anéis*, de J.R.R. Tolkien, se refere o artigo de Nathalia Scotuzzi. Inicialmente, a ensaísta relaciona os “motivos” góticos que constituem a parafernália, termo usado por Lovecraft, ou a “maquinaria”, na acepção de Sandra Vasconcelos, para em seguida investigar a estrutura labiríntica e opressora em que se movem os protagonistas do romance. Nas conclusões finais, Nathalia ressalta que Tolkien usa a “maquinaria gótica” para representar o eterno embate entre o bem e o mal, além da necessária superação de inúmeras dificuldades enfrentadas pelo protagonista Frodo, o que poderia simbolizar a condição humana perenemente envolta em provas de enfrentamento e de sacrifícios.

Camilo Raabe dedica-se à investigação dos aspectos fantásticos de Reynaldo Moura, autor gaúcho considerado um dos primeiros escritores intimistas do Brasil. O Reynaldo procura esmiuçar o tema do duplo no romance *Um rosto noturno* como um dos suportes utilizados para construir a arquitetura fantástica da narrativa. Analisando o caráter de diário memorialístico do protagonista Ulisses, o articulista ressalta os aspectos fantásticos ligados aos delírios da personagem que sofreu o trauma da perda da esposa num acidente e ao mesmo tempo se relaciona com uma amante. Os delírios noturnos em que o rosto deformado da esposa se manifesta caracterizam, de acordo com Camilo, a atmosfera do romance, na qual o autor propositadamente convida

o leitor a discernir entre o que pode ser real ou delírio. No final, Camilo ressalta o jogo entre a lucidez e a loucura proporcionado pelo uso da personalidade dupla do protagonista, às voltas com o assassinato da amante e as lembranças prementes da esposa.

À literatura contemporânea do Rio Grande do Sul se refere também o artigo de Kélio Borges e Suzana Cánovas. Utilizando conceitos teóricos de Todorov e de Italo Calvino, os ensaístas analisam o aspecto do sobrenatural no romance *O anjo e o resto de nós*, de Letícia Wierzchowski. As características do romance, segundo os autores, estariam associadas principalmente ao que se convencionou chamar de “neofantástico” que, atualizando o fantástico, contextualizando-o nos horrores provocados pelas atrocidades cometidas nas duas grandes guerras do século XX, não apresenta explicitamente elementos de terror. O sobrenatural, enfim, torna-se antes um modo de sondar a condição existencial humana, não buscando apenas o estranhamento do leitor provocado pela explícita referência ao hediondo e ao horror. No caso específico do romance da escritora gaúcha, os ensaístas enxergam uma evolução que corresponde muito bem ao que Calvino procurou definir como os “traços psicológicos contidos nas recentes manifestações do sobrenatural”.

Completam o Dossiê sobre o gênero fantástico os artigos de Olívia Aparecida Silva e de Marcelo Pacheco Soares. No primeiro, Olívia busca analisar o conto “O Homem da areia” de Hoffmann, cuja marca registrada é a presença da alteridade. Olívia demonstra como a narrativa do escritor alemão funda-se sobre as lembranças de uma história fantástica que atormenta continuamente o protagonista Natanael, levando-o a episódios de alucinação, nos quais outros personagens são incessantemente confundidos. Aqui também, de acordo com a ensaísta, o eterno conflito entre o bem e o mal, entre o verossímil e o inverossímil, acaba predominando e criando uma atmosfera que intriga o leitor e o leva a buscar respostas no texto.

Para a análise da alteridade que se configura na permanente confusão entre duas pessoas diferentes em que se envolve o protagonista, a ensaísta recorre às considerações de Freud e de Todorov. O fantasma que persegue Natanael remete sempre às histórias de carochinha que lhe contava a babá, sempre associadas à perda dos olhos. Para Olívia, o trauma do protagonista está associado à figura do pai-castrador, segundo as acepções freudianas. Nas conclusões finais, a ensaísta concentra-se na análise da construção de elementos que levam à desarmonia do aparente mundo burguês conformista e pacato do protagonista. É como se o escritor alemão, portanto, tivesse procurado retratar o mal que sempre está à espreita e visa ao desarranjo de uma estrutura social aparentemente estável.

O artigo de Marcelo Pacheco dá maior destaque a aspectos teóricos que dizem respeito ao gênero do fantástico. Utilizando conceitos de Alazraki, o ensaísta elenca as características do “neofantástico”, já mencionado por Kélio Borges e Suzana Cánovas. Citando ainda Kafka e Modesto Carone, o principal tradutor do autor tcheco no

Brasil, Marcelo ressalta que a percepção do fantástico advém da própria realidade que nos cerca e que se mostra absurda e aparentemente incompreensível. Assim, naturalmente o espaço preferido por esse gênero passa a ser o das grandes cidades, pelas quais circula o homem reificado e prisioneiro da burocracia e da mecanização da sociedade.

Na segunda parte do seu ensaio, Marcelo Pacheco Soares dedica-se à análise da figura do *flâneur*, o qual constitui uma espécie de personagem oposto ao burguês convencional, às voltas com os desejos de enriquecimento e de elevação de status supostamente proporcionados pela sociedade capitalista. Ao *flâneur* interessa principalmente captar as inúmeras sensações proporcionadas pelo frenesi da metrópole. Ele existe, portanto, em função da multidão. Não se envolvendo diretamente na massa urbana, resta-lhe, enfim, a missão de observar, e nisto encontra a sua liberdade dentro da sociedade burguesa.

Citando outros teóricos, entre os quais Bauman e Rosenfeld, o ensaísta conclui as suas observações ressaltando mais uma vez a verdadeira liberdade experimentada pelo *flâneur*, que não deixa a sua percepção das coisas ser automatizada no contexto das metrópoles. Retomando conceitos de Willi Bolle, o ensaísta destaca o desaparecimento da figura do *flâneur* justamente da literatura fantástica, na qual o próprio leitor o substitui, à medida que passa a ser um *flâneur* convidado (ou convocado) a um estranhamento provocado pelo insólito que o levaria a conhecer o real oculto, o que não se percebe no ritmo frenético das grandes cidades.

Nas conclusões finais, portanto, o ensaísta chama a atenção para um aspecto da literatura fantástica do século XX que não deve ser desprezado, isto é, o permanente questionamento do velho “mundo mimético”, da “velha ordem”, feito pelas obras do gênero. Na verdade, assim como os grandes pintores e escultores do século XX, como Picasso, citado no artigo, a literatura fantástica convida o leitor a apreciar um mundo em que tudo se tornou relativo, em grande parte por causa das inúmeras descobertas científicas e do largo uso da tecnologia. A percepção sensorial precisa alargar-se e descobrir mundos que antes estavam ocultos ou não se apresentavam da mesma maneira aos olhos dos antigos leitores. O fato insólito (ou estranho) representado nesse gênero literário visa, portanto, a abalar os alicerces das antigas convenções, assumindo um caráter verdadeiramente “revolucionário”. Enfim, citando Ana Maria Barrenechea, Marcelo enfatiza que o fantástico “problematiza o real”, o que seria, na verdade, mais do que uma função, uma espécie de “missão” da literatura dos séculos XX e XXI, períodos conturbados em que os antigos referenciais definitivamente caíram, sem que se tenham encontrado outros parâmetros seguros que possam ser seguidos.

Na “Seção Livre”, há dois artigos em espanhol, respectivamente de Emilio Saborido, da Universidade de Sevilha, e de Roberto Angel, da Universidade de Valparaíso, Chile. No primeiro, Emílio analisa a obra do autor cubano Carlos

Montenegro, destacando as relações entre a sua militância política e a produção literária.

Na realidade, retomando as ideias de Enrique Pujals, o ensaísta identifica cinco linhas temáticas presentes na obra do autor cubano: de lembranças da infância e militância política até a breve filiação ao Partido Comunista Cubano. Emilio destaca também a atividade jornalística do escritor que, em 1937, vai à Espanha para cobrir a Guerra Civil.

Emilio Saborido analisa também a produção teatral de Carlos Montenegro, destacando que a crítica especializada não enxergou grandes qualidades literárias em, por exemplo, *Los perros de Radziwill* e *Tururí ñan ñan*, peças de cunho propagandístico que exaltavam, na opinião da crítica, o estalinismo. Em seguida, o ensaísta investiga outras obras do autor vinculadas à sua militância no partido comunista e que denunciam os desmandos do imperialismo americano. Concluindo, ele destaca os contos do autor cubano intitulados *Las tres concesiones* e *Dos barcos*, nos quais haveria uma sucessão de temas que serviriam de inspiração para futuras obras de clara conotação militante e política. Para encerrar o seu denso estudo, o ensaísta se vale das teorias de Terry Eagleton que o levam a caracterizar o autor cubano como francamente empenhado na defesa dos ideais comunistas, tendo como país modelo a União Soviética da época.

No artigo de Roberto Angel há uma análise do conceito de assimilação em seis livros de escritores chilenos e mexicanos, todos descendentes de judeus e cujas obras se referem diretamente a costumes e tradições judaicas. Inicialmente, Roberto elenca as tradições do povo judeu, explicitando que elas estão ligadas ao modo de vida do povo e abarcam tanto comportamentos cotidianos como os principais rituais de passagem, seja o nascimento, em que ocorre a circuncisão dos meninos, seja a passagem para a vida adulta ou outros rituais e regras de comportamento associados ao casamento.

No romance mexicano *Las Genealogias*, de Margo Glantz, o ensaísta investiga como a escritora constrói as personagens de modo a demonstrar a por vezes difícil adaptação da família judia a tradições religiosas completamente diferentes. Assim, pouco a pouco os protagonistas acabam cedendo às pressões e são “assimilados”. Por outro lado, no romance *Sagrada Memoria*, do escritor chileno Agosin, conta-se a história de uma menina judia que chega ao Chile proveniente da Europa. Ao narrar a vida da protagonista adulta, o escritor também mostra a perfeita integração da personagem que, apesar de se casar com um judeu, não segue mais estritamente os preceitos religiosos e as tradições judaicas.

Utilizando conceitos de DellaPergola, o ensaísta analisa vários romances chilenos como, por exemplo, *Por el ojo de la cerradura*, de Scherman, em que as personagens oscilam entre o respeito pelos costumes dos judeus e a integração conveniente à sociedade chilena e se encaixariam, portanto, dentro do parâmetro definido por DellaPergola como “comunidade”. Em *Escenario de guerra*, do escritor Jeftanovic,

são descritos, porém, os traumas provocados pela guerra nos protagonistas judeus, culminando na depressão da mãe e no desespero do pai.

Para concluir, o ensaísta analisa o romance *Donde mejor canta un pájaro*, do escritor chileno Alejandro Jodorowski, em que se conta praticamente a árvore genealógica do autor, destacando a personagem do avô que não apenas mantém e respeita os preceitos religiosos judeus como é quase elevado à categoria de “santo”. Por oposição, sua esposa, a personagem Teresa, quer até mesmo ocultar da sociedade as suas próprias origens. Sempre utilizando as acepções de DellaPergola, Roberto acredita que Teresa poderia se encaixar na categoria dual judeu/não judeu, à medida que sua afiliação à comunidade judaica seria apenas uma formalidade.

Gostaríamos, enfim, de agradecer a todos os articulistas, sem os quais este volume não teria vindo à luz, e também aos pareceristas que, com as suas observações e conselhos, enriqueceram o debate sobre o tema do fantástico e das suas derivações. Julgamos, assim, ter obtido um volume que reúne ensaios densos e instigantes, Esperando que alcancem muitos leitores, especialistas ou não, acadêmicos ou não, uma vez que os grandes temas da literatura interessam a um público bastante vasto, acreditamos ter dado uma contribuição válida para a difusão de obras e autores, consagrados ou não, do interesse de todos que realmente se interessam pela boa literatura.

Nosso agradecimento ainda a Tânia Zambini, pela normalização da revista, e aos funcionários do Laboratório Editorial da FCL da UNESP de Araraquara, sem os quais não teria sido possível elaborar o presente volume.

Araraquara, março de 2017.
Os editores